

processo atheromatoso que se reconhece como o ponto de partida, a base etiologica das dilatações aneurismáticas, bem entendido, dos aneurismas verdadeiros.

Assim, o professor Martino, que tem tido occasião de empregar o methodo de Ciniselli e as correntes electricas exteriormente á maneira de Galozzi, como acabamos de ver, admite com muito criterio a possibilidade da existencia de aneurismas procedentes de simples falta de tonicidade das paredes vasculares, mas não encontra razão plausivel para que só se admittam aneurismas desta ultima natureza, concluindo logicamente que se esta hypothese fosse bem firmada, as correntes galvanicas applicadas exteriormente deviam sempre produzir os *mesmos resultados favoraveis*.

Demais a tentativa do professor Galozzi, aliás muito proveitosa á sciencia, demanda multiplicação de estudos (que merecem a pena de serem reproduzidos) no intuito de obter-se uma estatistica, pois este *só caso que publica* este professor dá-nos apenas a idéa da possibilidade de existir mais uma especie de aneurismas para a qual são efficazes as correntes galvanicas exteriores, mas a *certesa* disto fica pendente de nteriores pesquisas.

Pariz 7 d'Abril de 1877.

THERAPEUTICA -

=

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTORIA DA ARAROBA, PÓ DE GOA E PÓ DA BAHIA; SUA PROCEDENCIA, IDENTIDADE, COMPOSIÇÃO E PROPRIEDADES THERAPEUTICAS; ACIDO CHRYSOPHANICO ¹

III

No mesmo periodico de onde vertemos o precedente artigo (*Med. Times & Gazette*—Novembro 14—1874) encontramos uma breve

¹ V. o ultimo numero da *Gazeta*.

nota do Sr. G. Gaskoin, cirurgião do *British Hospital* para molestias de pelle, sob a epigraphie—*Pó de Goa*. Desta nota extrahimos substancialmente o que mais interesse possa offerêcer aos nossos leitores.

Affirma o Sr. Gaskoin que costuma desde muito tempo conservar, e ter á mão boa quantidade de pó de Goa e de outros chamados especificos orientaes; mas que encontrára medicos indianos, e dos de tez mais escura, que estão longe de lhe dar os fóros da infallibilidade, dizendo até que elle muitas vezes falha, e que preferem aos seus os remedios inglezes.

Tratou em Inglaterra de casos da empingem (*ringworm*) indiana, tal como se encontra nos adultos, e sempre achou que cediam aos meios ordinarios, entre outros ao bi-iodureto de mercurio; estes casos eram reputados peculiarmente rebeldes.

O pó de Goa que elle possuiu foi obtido do Sr. Garrad, pharmaceutico em Leamington. Diz que este producto nem sempre se encontra, infelizmente, na Associação dos Boticarios (Apothecaries Hall), mas que sabe que o tem havido á venda em Londres, e não assegura que o seu segredo não tenha tambem sido comprado. O que elle obteve do Sr. Garrad traz o registro da Presidencia de Bombaim, como vendido pelos Srs. Kemp & C., em Bombaim e Pounah. Estes pós que possuiu são muito semelhantes, ainda que não pareçam perfeitamente identicos.

O modo porque o autor empregou o pó não differe muito do recommendado pelo Dr. J. Fayrer. Primeiro lavava completamente a parte com um pouco de sumo de limão, ou agua phenicada, e depois esfregava-a brandamente com o pó durante alguns minutos. « Por fim de contas, diz elle, os resultados que obtive não me induzem a elogiar este remedio. » Sendo empregado na cabeça, faz inchar a face, que se cobre de feias manchas escuras, e a applicação produz um estado inflammatorio que eguala o dos mais asperos tratamentos. Para um natural da India não seria isto objecção; mas é-lhe decisivamente contrario em Inglaterra, onde em geral quando applicado não é bem recebido, e rara vez se repete. « Com certeza, diz o Sr. Gaskoin, eu lhe daria logar secundario entre os remedios para empingens. »

O autor menciona ainda outro pó que conserva, e que foi appli-

vado por um medico chinez a um cavalheiro que agora se acha em Inglaterra; em aspecto physico diz elle que não differe do pó de Goa, e que lhe affirmaram achar-se á venda em Singapor em uma unica loja. (Não será o Poh-Baia?)

IV

Sobre o pó de Goa

Carta do Dr. J. F. da Silva Lima ao Medical Times & Gazette, de Londres; appendix pelo Dr. J. L. Paterson ²

Sr. Editor—Interessou-me sobremodo a leitura do artigo que publicou em seu numero de 24 de Outubro ultimo o Sr. Dr. J. Fayerer, sob o titulo—*Indian Ringworm and its treatment by Goa Powder*. N'este valioso escripto, em que o illustrado auctor accrescenta o já avultado numero das suas importantes contribuições para o estudo da pathologia intertropical, vem particularmente mencionadas algumas affecções cutaneas, não menos frequentes no Brazil do que na India, e nomeadamente o *herpes circinatus*, o *chloasma*, o *intertrigo* e outras. Com referencia á cura d'estas erupções cutaneas affirma o Sr. Dr. Fayerer, que nenhum medicamento achou tão certa e rapidamente efficaz como a solução em vinagre ou em sumo de limão de um remedio secreto denominado *Pó de Goa*, remedio que julga ser producção do reino vegetal, e que se vende em pequenos frascos nas boticas de Calcuttá e Bombaim.

O Sr. Dr. Fayerer menciona ainda outro pó não menos efficaz no tratamento d'aquellas affecções, muito similhante ao primeiro, e que é conhecido por *Poh di Bahia*, designação que, no parecer do auctor, pode ser nome vulgar de origem malaia.

O testemunho do Sr. D. S. Kemp, citado pelo Sr. Fayerer, dá como principal procedencia do *Pó de Goa* para a India a Costa d'África, ao norte de Moçambique. Outra auctoridade, tambem citada, o Sr. Hanbury, declara que tanto a composição como o lugar onde se fabrica o *Pó de Goa* são ainda um segredo.

É com o principal proposito de chamar a attenção dos praticos sobre este remedio, reputado indigena e de composição desconhe-

² V. *Medical Times & Gazette* de 6 de Março de 1875—p. 249.

eida, que o illustrado auctor do artigo se occupa, com algum desenvolvimento, das affecções cutaneas em que elle é, ou pode ser com vantagem applicado.

Sem pretender devassar completamente o mysterio, calculado e interesseiro sem duvida, que envolve a natureza, procedencia e composição do remedio ou remedios de que tão vantajosamente falla o Sr. Dr. Fayrer, julgo-me, todavia, habilitado a fornecer-lhe, e aos demais collegas das Indias Orientaes, algumas informações que poderão contribuir para estabelecer a identidade do *Pó de Góa* e *Pó di Bahia* com um medicamento brazileiro, que ha longos annos serve n'esta e n'outras provincias do imperio para a cura de varias affecções cutaneas, e principalmente do *herpes circinatus*, do *chloasma*, do *intertrigo* e de outras. Este remedio é conhecido aqui com o non.e vulgar de *Araroba*, e em algumas outras provincias com o de *Pó da Bahia*.

Araroba, que alguns chamam tambem *Arariba*, é uma arvore da familia das leguminosas, talvez analogo ao *pau-brazil*, da mesma familia. Alguma das suas especies serve, como esta ultima, na arte de tinturaria. Dizem ser da medulla das hastes e dos ramos que se extrahе a substancia encontrada no commercio com o nome de *Araroba* sob a mesma fórma de um pó grosso, ou de pedaços de varios tamanhos, de côr amarello-clara, a qual com a longa exposição á luz ou á humidade se torna mais carregada e escura, quasi como tabaco pulverisado. Reduzido a pó muito fino, este producto é empregado nas affecções dartrosas; misturado com vinagre commum occasiona os mesmos effeitos que o *Pó de Góa*, conforme os descreve o Dr. Fayrer, irrita e córa de escuro a pelle onde é applicado, causando mais ou menos ardor, conforme a concentração e força da mistura. A côr que elle deixa nos tegumentos desaparece no fim de algum tempo.

De passagem direi que são taes as qualidades irritantes da *Araroba* sobre a pelle e membranas mucosas, que ella não pode ser manipulada impunemente. Os operarios que a extraem ou pulverisam cobrem cuidadosamente a cara para evitar os seus nocivos effeitos sobre os olhos, labios, fauces e fossas nasaes.

A efficacia da sua applicação é proverbial e notoria. Tenho-a verificado muitas vezes nas affecções indicadas, e ultimamente em um

caso rebelde de mentagra, que tinha resistido a muitas outras medicações internas e externas. Uma pomada composta de dous grammas de pó fino de *Araroba* com algumas gottas de acido acetico e trinta grammas de banha balsamica (benzoinada) applicada duas vezes por dia com um pincel fino á raiz dos pellos affectados foi a fórma e o modo de que usei este medicamento com perfeito successo.

Muito antes de ler o artigo do Sr. Dr. Fayrer, desde 1872, já eu suspeitava que o remedio que em alguns logares da India era mais efficaz contra o herpes circular, e que em Saigon e Singapor se vende por alto preço com o nome de *Poh-Baia*, era a nossa *Araroba*, mais ou menos disfarçada, ou modificada com outros pós colorantes ou inertes.

Eis-aqui porque:

Em Outubro de 1872 tive a fortuna de travar relações de amizade com o Sr. Dr. Palasne de Champeaux, 1º medico da corveta franceza a vapor *La Place*, que estacionou alguns dias no nosso porto. Entre diversos assumptos de pathologia intertropical, com que nos entreli-vemos, fallou-me este distincto collega de grande numero de casos de *herpes circinatus* que teve de tratar em Saigon, e disse-me que vendo falharem os meios ordinarios aconselhados nos livros classicos passara a usar de medicamentos indigenas, dos quaes um, que ali denpminam *Poh-Baia*, misturado com vinagre, foi o mais efficaz. Este pó, affirma aquelle collega, é vendido quasi a peso de ouro, isto é, cerca de dous francos por cada gramma. Perguntando-me então com que tratamento combatiamos aqui aquella affecção, respondi-lhe que com a applicação topica do pó de *Araroba*, conhecido em outras provincias do Brazil com o nome de *Pó da Bahia*, misturado com um pouco de vinagre.

Esta coincidencia nos effeitos, nos nomes e até no modo de applicação, suggeriu-nos immediatamente a ambos a idéa da muito provavel identidade dos dous remedios. Quando d'aqui partiu para França o Sr. Dr. Champeaux, forneci-lhe uma porção de *Araroba* que elle depois empregou com perfeita identidade de acção e de resultados, com que usara na India o *Poh-Baia*, com a differença de ser mais activo o effeito da *Araroba*.

Estas experiencias interessantes, e o juizo que faz o illustrado medico da marinha franceza ácerca dos dous medicamentos, podera

ser lidos com muito proveito nos *Archives de Médecine Navale*, de Maio de 1873.

Acrescentarei agora como provas addicionaes da quasi certa identidade do *Pó d'Araroba* com o *Pó de Gôa* e o *Pó di Bahia* as seguintes circumstancias:

1.^a Ha algumas dezenas de annos que uma antiga e respeitavel casa commercial de drogaria n'esta cidade satisfaz pedidos avultados de *Araroba* com destino a Portugal, e, ha algum tempo a esta parte, á Inglaterra tambem.

2.^a Não me consta que a *Araroba*, pelo menos com este nome, seja conhecida nas pharmacias de Portugal, nem familiar aos medicos portuguezes que praticam no reino.

3.^a É, portanto, muitissimo provavel, que este producto, importado da Bahia para Portugal, seja d'ali reexportado para as suas colonias d'África e da Asia, sob o nome de *Pó da Bahia*, logar da sua procedencia.

4.^a Esta probabilidade augmenta ainda por nos informar o Sr. Dr. Fayrer, citando a Kemp, que do norte de Moçambique, possessão portugueza, é exportada para a India a urzellá (*Lichen orcella*), e que parece ser este producto a mais provavel origem do *Pó de Gôa*.

5.^a Gôa, possessão portugueza na India, terá dado á *Araroba*, importada de Lisboa, o seu nome, como para outras provincias do imperio lh'o deu a Bahia.

6.^a Assim, os nomes de *Pó de Gôa*, *Pó di Bahia*, segundo o Sr. Dr. Fayrer, *Pó-Baia*, segundo o Sr. Dr. Champeaux, poderão designar o mesmo producto original, mais ou menos modificado na India pelas manipulações pharmaceuticas, provindo-lhe de uma provincia brasileira o nome, e não de origem malaia, como suppõe o Dr. Fayrer.

7.^a A supposição de Kemp, de se originar da urzellá importada de Moçambique o *Pó de Gôa*, provem talvez de que tanto aquella como o pó d'*Araroba* cõram os objectos com que se põem em contacto; este ultimo tingem a roupa branca e a pelle dos doentes.

8.^a Finalmente, a perfeita identidade no modo de applicação e nos effeitos do *Pó de Gôa*, *Pó di Bahia*, *Pó-Baia* e *Pó d'Araroba*, estabelecendo entre elles egualdade de acção therapeutica, deixa pouca duvida quanto á identidade de sua natureza e procedencia.

Em conclusão; se as precedentes considerações não provam com toda a evidencia a identidade do *Pó de Góá*, de Calcuttá e Bombaim — *Poh-Baia* de Saigon e Singapor, e do *Pó da Bahia* ou *Araroba*, mostram com certeza, que esta ultima cura com tanta ou mais efficacia e promptidão as affecções cutaneas em que aquelles remedios são applicados na India. D'este parecer é tambem o Sr. Champeaux, que em uma das conclusões do seu citado artigo diz: « *La poudre d'araroba est un antiherpétique aussi puissant au moins, que la poudre de Poh-Baia si elle ne lui est identique.* »

Para corroborar a origem brazileira d'este remedio refere este collega que o fornecedor do hospital de Saigon, respondendo com evasivas ás interrogações relativas á natureza e procedencia do *Poh-Baia* confessara, entretanto, que este não era indigena e que vinha da America.

Peço desculpa se occupo demasiado espaço nas columnas do seu jornal; mas o interesse de um assumpto que tanto importa aos medicos dos paizes intertropicaes, e tambem aos que na Europa se dedicam especialmente ao estudo da dermatologia, obrigou-me a dar a esta noticia o indispensavel desenvolvimento para a tornar util aos nossos collegas de outras regiões, onde o remedio possa ter applicação, tanto nas affecções cutaneas indicadas pelo Sr. Dr. Fayerer como em outras que a analogia e a experiencia mostrarem apropriadas para o seu emprego. Tenho a honra de ser, etc.

10 de Dezembro de 1874.

Bahia (Brasil)

Dr. J. F. da Silva Lima,
Medico do Hospital da Caridade.

Como appendix á notavel carta do Dr. Silva Lima, da Bahia, á qual receio não ter feito inteira justiça na traducção, posso asseverar que a minha propria experiencia confirma tudo quanto elle diz com respeito aos bons effeitos do pó d'*Araroba* no tratamento dos casos indicados no seu escripto. Durante uma curta visita que fiz, no principio do anno passado, á Bahia, onde exerci anteriormente a clinica por vinte e cinco annos, soube do Sr. Dr. Bomfim, distincto professor de botanica, serem os nomes de *araroba* e *arariba* de derivação india, isto é, india sul americana, e provirem de um radical,

que significa—*trigueiro*—nome applicado pelos indigenas a grande variedade de arvores, algumas das quaes foram descriptas por Martius na sua Flora do Brasil, sem que nenhuma d'ellas corresponda, entretanto, á que fornece o *pó d'araroba*. Informou-me ainda o mesmo collega, que esta planta não foi ainda descripta, que elle saiba, por nenhum botanico, e que elle apenas tinha obtido folhas e lenhos, mas que nunca vira um exemplar da arvore, que habita em logares remotos da provincia.

Quando voltei em Junho trouxe commigo uma pequena porção de pó de araroba, do qual estimarei fornecer algum a quem desejar experimental-o, o que, estou certo, valerá muito a pena. Em poucas semanas pode obter-se a quantidade que se quizer, visto que no Brasil, se ha segredo neste negocio, é segredo descoberto, que só guardam a ignorancia e a indifferença. Trouxe tambem commigo, na falta de semente, por ter já passado a estação em que poderia colher-a, dous pequenos pés de *araroba*, obtidos de estaca, os quaes estão agora no Real Jardim Botanico de Edimburgo, para serem remettidos ao Dr. Little, de Singapor, que durante uma visita a Edimburgo, ha um ou dous annos, me procurou com o fim de obter informações ácerca do *Pó da Bahia*, que elle, como outros medicos do Oriente, achara efficacissimo remedio no tratamento de muitas affecções cutaneas; e para me pedir tambem que, sendo possivel, obtivesse para elle algumas sementes da arvore que o produz.

Este collega, por consequencia, deve ter descoberto ou suspeitado que o remedio secreto, que se vende como *Pó da Bahia*, era de origem brasileira. Estava elle ancioso por obter informações certas ácerca da planta que produz o tal pó, a qual sem se saber, cresce talvez diante da sua porta; e para se libertar, em todo o caso, da duvida, incertesa e humilhação que traz consigo o uso de qualquer remedio secreto (*quack medicine*). Se o medicamento da India é a *araroba* brasileira, como é que elle é muito mais conhecido dos profissionaes, não do povo, na India do que no Brasil? Este paradoxo apparente admite a seguinte applicação:

Até ao presente não possui o Brasil nenhuma pharmacopéa propria, contentando-se com fazer uso da franceza e da portugueza. Os medicos brasileiros, portanto, com raras excepções, das quaes é uma o Dr. Silva Lima, depois de verem falhar, provavelmente, os

remedios classicos, contentam-se com dizer aos seus doentes, ou talvez aceitar a lembrança d'estes, que experimentem a *araroba*, e que o pharmaceutico lhes explicará o modo de a empregar, appellando antes para o *parvenu* sem titulo, pois que o *idolum tribus* cresce com o mesmo viço no Brasil que na Europa. Para o povo tem ella sido, desde tempos immemoriaes, um deus familiar, como são para os inglezes o enxofre e a theriaga, embora nunca se encontrem nas receitas. Mas como foi até á India o pó da *araroba*? Até 1822, quando o Brasil fez a sua independencia, todas as suas relações com os paizes estrangeiros, conforme a politica d'aquelles tempos, eram feitas por intermedio da metropole. Deu isto origem a um commercio internacional regularmente organizado, extinto hoje, entre as colonias americana e asiaticas de Portugal. D'ahi, sem duvida, a primitiva introdução do pó da *araroba* entre os portuguezes residentes em Góá, sua gradual propagação pela India, e o consequente mysterio que por lá envolve sua origem,—chrysalida d'onde a larva brasileira fez surgir a borboleta indiana. O melhor modo de applicar o remedio é como recommenda o Dr. Silva Lima, em fórma de pomada: vinte a quarenta grãos de pó de *araroba* com dez gottas de acido acetico para uma onça de banha. Da maneira porque geralmente o empregam, o pó de *araroba* é demasiado irritante, por o applicarem puro.

Boa-Vista. Grange-Loan. Edimburgo — Dr. J. L. Paterson.

A *araroba* ou *arariba* é, segundo o Dr. Bomfim, uma das maiores arvores intertropicaes, que se encontra desde 13 a 15 graus de latitude sul da Bahia de S. Salvador, especialmente nas matas das comarcas de Valença e Camamu. Pertence á familia das leguminosas. Cresce a altura de 20 a 25 metros, tendo a circumferencia de 5 a 6 metros. A flor é pequena e roxa,—as folhas de 6 centimetros,—a casca lisa e verde escura,—o lenho de solida contextura.

A medolla em geral é uma massa, como fecula, de côr amarella, enquanto fresca, mas depois de secca torna-se de uma côr amarella muito escura. N'este estado facilmente se reduz a pó finissimo e ligeiro.

Na therapeutica como medicamento interno não tem tido por ora applicação; porem, exteriormente emprega-se no tratamento dos

dartros escamosos, lepra, psoriasis, pityriasis, pellagra e outras doenças cutaneas.

Uma pequena porção de pó com agua, oleo ou gordura, em fórma de linimento ou pomada, é quanto basta de preparação para se poder applicar no tratamento d'estas moléstias.

A acção é irritante e caustica. O pó ou a pomada tocando nos olhos produz violenta inflammação.

A casca, as folhas e as flores contém os mesmos principios que a medulla, mas em muito menor grau.

A *araroba* é conhecida desde seculos por *Pó da Bahia* no Brasil, na Europa e na Asia. Na China e no Japão fez-se d'ella grande monopolio, que é causa do seu subido preço n'estes paizes.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA

Factos medicos notaveis em 1877; a electricidade applicada ao tratamento dos kystos do figado; estudo graphico dos movimentos do cerebro; duração da sensação tactil; a glycosuria na gravidez, no estado puerperal e no alleitamento; o curativo das feridas pelo algodão; a sede do sopro uterino na prenhez; o spirophoro e sua utilidade; a electricidade n'um caso de atresia da vagina; o sulphureto de carbono nas ulceras chronicas; os accidentes cerebraes nos operados de thoracentese; influencia da pleuresia sobre os kystos do figado; ablação total do utero pela ligadura elastica; a syphilis por concepção; a phimoses na diabetes; o centeio esporoado na febre typhoide; o drainage do olho; a cirurgia pre-historica demonstrada em ossadas; a pathologia do coup de fouet; a herança da hemorragia cerebral; a alimentação das creanças de mamma; uma gastrotomia bem succedida; a inoculabilidade da tuberculose; o corpo docente da sociedade anthropologica; a epidemia de febre typhoide na França.

Meu caro e honrado collega redactor da *Gazeta Medica da Bahia*. — Fizestes-me a honra de pedir uma correspondencia sobre os factos correntes da medicina em França. Até agora não pude dar começo ao trabalho por impedimentos que seria muito longo enumerar, mas emfim começo hoje esta tarefa, cuja honra comprehendo, mas entrevejo tambem o perigo, por estarem minhas forças abaixo do encargo.